

## **Tipos de leitor e educação midiática: convergência para o letramento crítico em mídia<sup>1</sup>**

Lícia Frezza PISA<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais –  
IFSULDEMINAS/MG

### **RESUMO**

Com as mudanças na tecnologia da informação e da comunicação modificou-se o modo produzir e de consumir informação. Lucia Santaella (2004, 2019) estuda essas mudanças e apresenta diferentes tipos de leitor para cada fase. Assim, objetivo deste trabalho é apresentar, por meio de discussão bibliográfica, os modos de ler no físico e no digital e seus impactos, além de abordar a educação midiática como um caminho para o desenvolvimento da leitura crítica das mídias.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; tipos de leitor; educação midiática; leitura crítica das mídias.

### **TIPOS DE LEITOR E LEITURA NO DIGITAL**

No processo evolutivo de cerca de seis mil anos é que os humanos aprenderam a ler e isso modificou as conexões cerebrais, o pensamento humano e a cultura. Se a linguagem oral é uma função elementar, a leitura precisa ser ensinada, e cada cérebro forma o seu circuito neural próprio (Wolf, 2019).

Com o passar do tempo e com a cultura digital, a maneira como consumimos informações tem modificado o nosso modo de ler, de aprender e compreender as coisas no mundo. Para o ser humano, ler é uma faculdade que precisa ser aprendida e necessita de um ambiente para auxiliar nesse processo, por isso precisa ser instruída: “*aquilo que lê* (tanto o sistema de escrita particular como o conteúdo), *como ele lê* (a mídia particular, por exemplo, o impresso ou a tela e seus efeitos sobre o modo de ler), e *como é formado* (métodos de instrução) (Wolf, 2019, p. 29). Assim, é possível formar circuitos mais ou menos sofisticados, a depender do ambiente, modificando cada cérebro leitor, com diferentes formas de ler que impactam a cognição e podem impactar toda a sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora dos cursos de Produção Publicitária e Pós-Graduação em Mídias e Educação do IFSULDEMINAS-MG, e-mail: [licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br](mailto:licia.pisa@ifsuldeminas.edu.br)

---

Isso demonstra que há mudanças em curso e, além de ensinar a ler, é preciso compreender o que e como se lê. Ler não é mais somente decodificar as letras e formar palavras. Diversas formas de mensagens povoam o nosso dia-a-dia e precisamos estar atentos para compreender cada uma delas, pois ler um texto exige concentração, atenção e tempo. Hoje lemos imagens, imagens em movimento, cores, tamanhos diferentes, gráficos, memes etc.

Santaella (2004) propõe pensar em tipos de leitores de acordo com as mudanças de cada época, pois o processo de cognição e percepção não surgem com as novas tecnologias, mas vão sendo configuradas junto com outros processos e de acordo com os modos como o público se apropria desses meios, sendo:

- a) **Leitor contemplativo:** renascimento. Leitura do livro impresso com tempo, imagem estática e linear, com a organização em parágrafos, páginas, com final e fechamento das informações. Lê de modo silencioso, possibilitando ler mais e textos mais complexos (Santaella, 2004).
- b) **Leitor movente:** metade do século XIX. Homem moderno, com as transformações da eletricidade, da indústria e urbanização das cidades. Imagens em movimento (pelas janelas dos trens), cinema, televisão, telégrafo, telefone, rádio, jornais, revistas, fotografia, publicidade. Os meios de comunicação ganham poder, status. Esse leitor se move entre diferentes tipos de leituras e aprendeu a conviver com as diferentes linguagens e formas de informação. “Viver na grande cidade implica conviver com a fugacidade dos contatos sociais, com a reposição contínua de imagens nas ruas, vitrinas, jornais e revistas” (Santaella, 2004, p. 28).
- c) **Leitor imersivo:** é o leitor da era digital. Os signos (sonoro, icônico, textual) podem ser recebidos, salvos, editados no computador ou smartphone. A leitura não é linear e acontece por meio de hipertextos no ambiente digital, no ciberespaço. As informações que estavam dispostas nas cidades agora povoam o mundo virtual. Na leitura por meio de hipertextos, o leitor escolhe o caminho da sua leitura, tem liberdade de entrar em novos textos, não há fechamento delimitado, faz escolhas e torna sua leitura mais subjetiva, personalizada e particular. A leitura é multisequencial e multilinear. Há interações com sons, imagens, textos, documentos, vídeos, mapas etc. O leitor participa, constrói o seu texto, tornando-se um co-autor.

d) **Leitor ubíquo:** que junta as características do leitor movente e leitor imersivo, sendo entendido como um leitor em estado de prontidão. “É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a informacional” (Santaella, 2019, p. 25), tendo características do leitor movente, apresenta a facilidade de transitar, acessar diferentes textos em diferentes suportes, físico e virtual; e, ao mesmo tempo, ter características do leitor imersivo quando, ao acessar seu smartphone e entrar no ciberespaço da informação, seguir completamente imerso com a atividade que estiver acessando.

Os leitores, então, vão surgindo e se moldando à sociedade e aos aportes culturais e não, necessariamente, assim que alguma tecnologia surge. Outro ponto é que o surgimento de um tipo de leitor não substitui o outro, ou seja, vão convivendo, mas será que o modo como lemos na hipermídia hoje, sendo leitores ubíquos, tem prejudicado, de alguma forma, a nossa compreensão e reflexão sobre aquilo que lemos?

Wolf (2019) traz reflexões acerca da leitura e seus desafios na era digital. A autora traz o conceito de leitura profunda, que exige uma atenção que vai do meditativo ao contemplativo e faz com que o cérebro vá em todas as direções para compreender o que se lê. No processo de leitura profunda, o cérebro humano mobiliza aspectos cognitivos mais sofisticados que nos ajudam a produzir pensamentos, organizar hipóteses e conceitos (Wolf, 2019). Para acionarmos os sentidos daquilo que lemos, utilizamos o raciocínio de analogia, de inferência e análise crítica. Quanto mais sabemos, mais conseguimos fazer analogias para comparar, deduzir, analisar e inferir, mas para isso é preciso ter conhecimento de fundo, ou seja, toda a leitura que fazemos é cumulativa. A análise crítica representa os processos metodológicos científicos para avaliar os pressupostos, possíveis interpretações e conclusões expostos na leitura.

A autora também pondera sobre a distração presente nas diferentes mídias e como a nossa atenção é afetada por isso, pois a distração estaria disfarçada de busca de informação e esse excesso de informação geraria uma leitura superficial, que se apresenta como um entretenimento e dá a sensação de estar sendo informado (Wolf, 2019, p. 93). Nesse processo, a qualidade da atenção cai porque ficamos viciados em estímulos sensoriais mais imediatos, pela troca rápida de tarefas e esses estímulos de recompensa imediata contrastam com a recompensa demorada da leitura profunda.

Além disso, a falta de leitura profunda e a dificuldade com textos longos é gerar “uma falta de paciência cognitiva diante do pensamento crítico e analítico exigente e para

---

uma incapacidade concomitante de adquirir a persistência cognitiva” (Wolf, 2019, p. 111) e a falta de conhecimento de fundo corrobora para a falta de habilidades críticas diante das informações, ou seja, um prato cheio para a desinformação baseada em entretenimento, mensagens rápidas, imagens em movimento, textos curtos, dancinhas, *feed* infinito etc.

Por isso precisamos aprender a diferenciar um artigo de imprensa, um tweet, uma publicidade, um *post*, fala de um youtuber ou influenciador com dados apresentados em pesquisas em perfis de redes sociais, uma série ficcional, um documentário, um meme, textos e imagens produzidos por inteligência artificial, fake news, *deep fakes* etc. Ou seja, aprender a ler as camadas presentes em cada mídia, ler os diferentes tipos de comunicação, quem as produz, qual a intenção dessa produção, portanto, a educação midiática colabora para a formação de um leitor crítico de mídia.

E como argumentaram alguns autores (Carr, 2008<sup>3</sup>; Wolf, 2019), na leitura no digital, o modo excessivo de informações em rede que temos e acessamos diariamente está transformando o nosso cérebro de modo negativo, pois o imediatismo da web enfraquece a nossa capacidade de ler em profundidade, capacidade que emergiu com o surgimento do livro. Quando estamos na hipermídia, a nossa capacidade de interpretação deixa de ser desenvolvida, pois atuamos apenas como decodificadores e não com a intelecção interpretativa que a leitura profunda promove (Wolf, 2019).

Nesse ponto compreendemos a importância da formação de bons leitores, capazes de ir além da decodificação, fazer inferências e propor resoluções. Santaella (2019) defende que a leitura contemplativa, do livro, deve ser retomada em ambientes educacionais pois promove habilidades cognitivas e reflexivas. Apesar das várias possibilidades com a revolução digital, a leitura do livro impresso ainda é imprescindível, não apenas o livro tendo o papel como suporte, pois o livro pode ser o e-book disponível em diferentes dispositivos, mas a leitura enquanto percurso cognitivo. Para Wolf (2019), é preciso que se comece a pensar em cada meio (impresso e digital), separados em diferentes domínios desde os primeiros anos escolares até um ponto em que as características específicas de cada meio estejam bem desenvolvidas, internalizadas e possibilitem formar conhecimentos com flexibilidade cognitiva. Nesse ponto,

---

<sup>3</sup> Nicholas Carr foi finalista do prêmio Pulitzer em 2011 com o livro manifesto *The shallow: What the internet is doing to our brains*, traduzido para o português como *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*.

---

percebemos a educação midiática e a leitura crítica da mídia na convergência da formação de um leitor e, a partir disso, de um cidadão consciente do mundo em que vive.

## REFERÊNCIAS

CARR, Nicholas. Is Google making us stupid? What the internet is doing to our brains. **The Atlantic**. 2008, julho/agosto). Disponível em: <http://bit.ly/2Jh2o2V>. Acesso em 5 maio 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. O livro como prótese cognitiva. **MATRIZES**, 13(3), 21-35. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p21-35>. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159527>>. Acesso em 22 nov. 2022.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019. 256 p. ISBN 9778-85-520-0145-4.